

Asas a mais, cabeça a menos

Esta semana, dois lances resumiram aquilo que decide os grandes jogos. Na madrugada de sexta-feira, Gonçalo Ramos - feito no Seixal - subiu mais alto do que a defesa croata e cabeceou o golo que meteu Portugal nos quartos-de-final. Dois dias depois, foi Schjelderup, extremo do Benfica, a cruzar da esquerda para a cabeça de Haaland, que saltou por cima de Gabriel Magalhães e atirou o Brasil para fora do Mundial. Duas jogadas, duas cabeçadas, dois apuramentos. E, em ambas, uma ligação ao Benfica.

Guardem a imagem: ela diz tudo sobre o mercado que estamos a fazer. Sai Mourinho, entra Marco Silva. Trocámos o treinador que somou empates a mais - foram onze na última Liga - pelo homem a quem se pede que ganhe onde o outro empatava. Até aqui, defensável. E há mérito: o clube gerou receita sem vender as joias do ataque, alimentando-se da máquina do Seixal e das margens do plantel - de Cabral a Obrador - e deixando Otamendi sair em fim de contrato. O núcleo aguentou-se.

Também é verdade que Schjelderup e Prestianni chegam um ano mais maduros e que Ríos promete a regularidade que só deixou entrever. Mas travem o entusiasmo: Schjelderup ainda não renovou, tem mercado e o Mundial só lhe engordou o preço. Podemos começar a época sem ele.

E é aqui que a conta não fecha. Somos mais fortes do que no arranque do ano passado? Sinceramente, não. Perdemos Otamendi, arriscamos perder Schjelderup. O 'plus' prometido mora quase todo num sítio só: na esperança de que Marco Silva seja muito melhor do que Mourinho a extrair rendimento dos mesmos jogadores. Pode ser. Mas apostar nisso a época inteira, sem tapar os buracos, é jogar à roleta. E o adepto do Benfica está cansado de roletas.

Porque o buraco está à vista, e não é nas alas. Trazemos Kaminski por 20 milhões - um extremo esquerdo cuja própria ficha aponta o jogo aéreo como principal fraqueza - para uma zona onde já temos Schjelderup, Prestianni, Lukebakio e Bruma. Reforçamos onde sobra. E deixamos a descoberto o que estes jogos gritaram: falta-nos um ponta de lança dominante no ar. A fábrica que fez Gonçalo Ramos não tem o hábito de produzir jogadores com as suas características. Anísio Cabral parece desmentir isto, mas Mourinho jurava a pés juntos que Anísio nem é assim por aí além nessa dimensão do jogo. Se Mourinho tiver razão e os golos que Anísio marcou foram a exceção, continuaremos sem referência no jogo aéreo ofensivo. Pavlidis pode ser muitas coisas, mas definitivamente não será isso. É toda uma opção de estratégia de jogo que fica inacessível ao treinador. E que, como vimos, tem tido o condão de resolver jogos e eliminatórias.

Marco Silva pode muito bem ser melhor do que Mourinho. Mas comprar mais uma asa e ignorar a cabeça que falta na área não é montar uma equipa mais forte - é preparar, com outro nome no banco, os mesmos empates.